

NIGHT-TIME SCENES

WILL STRAW⁶

The culture of the urban night is often organized in the form of scenes. Unlike neighbourhoods or districts, scenes are non-official units of urban life. A scene becomes visible when some kind of cultural activity comes to be embedded in public sociability, and when that same sociability serves the ongoing production and consumption of culture. In scenes, cultural activity generates sociability as a kind of affective excess which then becomes part of the observable effervescence of city life. At the same time, social interaction fosters the exchanges, enthusiasms and networks through which culture is made and disseminated.

Scenes are not exclusively nocturnal phenomena. In cities around the world, there are daytime scenes, in which journalists have lunch together, taxi drivers hang around street corners, or (in my neighbourhood in Montreal) old Greek men share morning coffees and discuss world events. In each case, shared interests or professional identities are the pretext for a recurring sociability which becomes part of the spectacle of urban life. The most easily identifiable scenes, however are those we associate with the culture of the urban night. This is partly because the notion of scene, in vernacular and academic discourse, is most often associated with the making and consumption of music, activities we imagine (rightly or wrongly) as quintessentially nocturnal in character.

6) Will Straw is a Professor in the Department of Art History and Communications Studies at McGill University, where he is also director of the McGill Institute for the Study of Canada. Dr. Straw is the coeditor of multiple books on popular and urban culture: *The Cambridge Companion to Rock and Pop*, *Circulation and the City*, *Formes urbaines : évolution et mutations des formes médialesculturelles à Montréal*, and *Cities/Scenes*. He is the author of over 100 articles on cities, music, film and popular culture. Dr. Straw currently directs two research projects: *Media and Urban Life in Montreal*, and *The Urban Night as Interdisciplinary Object*. Will Straw also researches the ways in which city governments, throughout the Americas and Europe, have devised policies which produce new geographies of nightlife or "nightlife citizenship".

CENAS DA NOITE

WILL STRAW⁶

A cultura da noite urbana é geralmente organizada na forma de cenas. Diferentemente dos bairros ou dos distritos, as cenas são unidades não oficiais da vida urbana. Uma cena adquire visibilidade quando alguma espécie de atividade cultural se torna parte da sociabilidade pública, e quando essa mesma sociabilidade serve para a contínua produção e consumo de cultura. Nas cenas, a atividade cultural gera a sociabilidade como uma espécie de excesso afetivo que se torna então parte da efervescência observável da vida urbana. Ao mesmo tempo, a interação social fomenta o entusiasmo, as trocas e as redes através das quais a cultura é feita e disseminada.

As cenas não são um fenômeno exclusivamente noturno. Em cidades ao redor do mundo há cenas diurnas, nas quais jornalistas almoçam juntos, taxistas se juntam nas esquinas, ou (como em meu bairro em Montreal) gregos idosos tomam café de manhã e discutem os acontecimentos mundiais. Em cada caso, os interesses ou identidades profissionais em comum são o pretexto para a sociabilidade recorrente que se torna parte do espetáculo da vida urbana. Contudo, as cenas mais facilmente identificáveis são as que associamos com a cultura da noite urbana. Isso se deve em parte à noção de cena no discurso vernacular e acadêmico, na maioria das vezes associada com a produção e consumo de música, atividades que imaginamos,

6) Will Straw é sociólogo, Ph.D. em Comunicação e diretor do Instituto McGill de Estudos do Canadá, professor do Departamento de História da Arte e Estudos de Comunicação na Universidade McGill e coeditor de diversos livros sobre cultura popular e urbana. Atualmente coordena dois projetos de pesquisa: *Media and Urban Life in Montreal* [Mídia e vida urbana em Montreal] e *The Urban Night as Interdisciplinary Object* [A noite urbana como objeto interdisciplinar]. Will Straw também aborda os modos como administrações municipais, tanto nas Américas quanto na Europa, desenvolveram políticas que produzem novas geografias da vida noturna ou "cidadania noturna".

There are good reasons for this close association of scene, music and the night. Music more than, literature or theatre, is seen to insert itself into the places and practices of sociability within cities. Music in some form is almost always the accompaniment to social interaction, in such urban institutions as the café, the bar

As scenes become more community-like, they may assume the status of political actors, struggling for space and recognition within cities.

and the restaurant. The association of music scenes with night was not inevitable, but over time it has become almost complete. Music is the background for forms of sociability (like romantic courtship) which typically take place after the workday as ended. To an extent which has varied over time, the consumption of music has been accompanied by activities like social dining or the consumption of music, – activities which, since the 19th century at least, have been centred on the night. And finally, music figures within a temporal organization of sensory experience which has seen the arts of quiet exhibition (like painting or sculpture) find their characteristic place within the world of the day, while the arts of performance (like theatre or music) are almost always experienced during the evening.

The status of music scenes drifts between that of identifiable community and indecipherable flux or flow. As scenes become more community-like, they may assume the status of political actors, struggling for space and recognition within cities, or contesting the constraints imposed by governments and the police. (This was the case for rave scenes in the 1990s in several countries.) As they become more fluid and elusive, scenes may function more loosely as the “buzz” or generalized energy which attracts creators, investors and journalists to particular locations within city life.

In the history of scenes, we see cultural forms and expressive practices become detached from each other, then reassembled

correta ou erroneamente, serem de caráter essencialmente noturno.

Há boas razões para essa forte associação entre a cena, a música e a noite. Mais do que a literatura ou o teatro, a música é vista como inserida nos locais e práticas de sociabilidade dentro das cidades. A música em alguma forma é quase sempre o acompanhamento para a interação social em instituições

Conforme as cenas se tornam mais semelhantes a comunidades, podem assumir o papel de elementos políticos, lutando por espaço e reconhecimento dentro das cidades.

urbanas como cafés, bares e restaurantes. A associação das cenas musicais com a vida noturna não era inevitável, mas com o tempo tornou-se quase completa. E, finalmente, a música figura dentro de uma organização temporal das experiências sensoriais, que entende que as artes de exposição silenciosa (como pintura ou escultura) encontram seu lugar característico no mundo diurno, enquanto as artes de espetáculo (como teatro ou música) são quase sempre vividas durante a noite.

O *status* das cenas musicais varia entre o de uma comunidade identificável e o de uma corrente ou fluxo indecifrável. Conforme as cenas se tornam mais semelhantes a comunidades, podem assumir o papel de elementos políticos, lutando por espaço e reconhecimento dentro das cidades, ou contestando os limites impostos pelos governos e pela polícia. Foi esse o caso das raves nos anos 1990 em vários países. À medida que se tornem mais fluidas e indefiníveis, as cenas podem funcionar mais livremente como o “agito” ou a energia generalizada que atrai criadores, investidores e jornalistas a locais específicos da vida urbana.

Na história das cenas, vemos as formas culturais e as práticas expressivas se separarem umas das outras e então se reunificarem em novas combinações. Na medida em que as baladas se tornaram

in new combinations. As dance clubs became institutions of the late-night city, they became the object of regulatory and judicial interventions which continue through the present day. This has left a legacy of repression (particularly for clubs based in historically targeted sexual or racial communities). However, ongoing intervention by all levels of government has also given clubs and club music a political dimension, and rendered them “underground” in several senses.

Forced to fight against repressive measures, the operators and customers of clubs or parties have been compelled to form alliances with other political actors (such as those fighting for the broader rights of LGBT populations to occupy the urban night, for example.) The result has been a politicization of forms of music (such as house or varieties of techno) whose political “content”, in the traditional sense associated with punk or folk music, was not always obvious. More broadly, there has been a move from the organized sociability of the supperclub⁷ (where one went with a partner or pre-constituted group of friends) to the more informal sociability of the nightclub (where one goes to find people with whom to share or try out social identities).

A more complex reading requires that we seek, within every urban conflict over noise, gentrification and alcohol consumption, the struggle over rights and identities which these conflicts usually mask.

The scenes which surround night-time cultural activity in cities are thus, very often, complex cultural laboratories in which political activism, entrepreneurial creativity and identitarian struggles are tightly interwoven. An instrumental reading of this interweaving

7) Until the beginning of the 1960's, it was common in Anglophone North America to listen and dance to music in the so called “supper clubs” – nightclubs which offered meals, where you could also watch live concerts and eventually go to the dance floor.

instituições da vida noturna urbana, transformaram-se em objeto de intervenções regulatórias e judiciais que continuam até os dias atuais. Isso deixou um legado de repressão, particularmente no que se refere a casas com base em comunidades historicamente focadas em características sexuais ou raciais. Entretanto, a intervenção contínua de todos os níveis de governo também deu às casas noturnas e à sua música uma dimensão política, e as transformou em “underground” em vários sentidos.

Forçados a lutar contra medidas repressivas, os donos e clientes de baladas ou festas foram obrigados a formar alianças com outros elementos políticos para ocupar a noite urbana, como os que lutavam por mais direitos para o público LGBT. O resultado foi a politização das formas de música (como a *house* ou as variedades de *techno*) cujo

“conteúdo” político, no sentido tradicional associado à música punk ou folk, nem sempre era claro. De um modo mais amplo, houve uma mudança da sociabilidade organizada do *supper club*⁷ (aonde as pessoas iam com um parceiro ou com um grupo pré-constituído de amigos) para a sociabilidade mais informal das baladas (aonde se vai para encontrar pessoas com as quais se compartilhem ou experimentem identidades sociais).

As cenas que envolvem a atividade cultural da vida noturna são muitas vezes complexos laboratórios culturais nos quais o ativismo político, a criatividade empreendedora e as lutas identitárias

Uma leitura mais complexa exige que busquemos, dentro de cada conflito urbano ligado ao ruído, gentrificação e consumo de álcool, a luta por direitos e identidades que esses conflitos geralmente mascaram.

7) Até o início da década de 1960, era comum na América do Norte anglo-saxã ouvir e dançar música nos chamados “supper clubs”, casas noturnas com fornecimento de refeições, onde se podia comer, assistir a apresentações de música ao vivo e eventualmente ir para a pista de dança.

would see nightlife as a laboratory for social experimentation producing new ideas which the culture of day will sort through in its search for innovation. A more complex reading requires that we seek, within every urban conflict over noise, gentrification and alcohol consumption, the struggle over rights and identities which these conflicts usually mask.

THE BATTLE OVER BISTROPHOBIA

In France, where I am writing this article, the term bistrophobie has emerged as one weapon in an ongoing struggle over the character of Parisian nightlife. Bistrophobie designates, for those claiming to be its victims, the hatred of bars.

This, it is claimed, is the attitude of certain city residents to the proliferation of bars and bistros along the streets in which they live. On the windows of bars and restaurants in and around rue Oberkampf, for example, posters call for a fight against bistrophobie and insist on the need to defend a “Paris vivant” (a lively Paris). Elsewhere, on signs erected on sidewalks, we read messages asking the patrons of bars to be quiet: “Chut! Je dors. Je ne m’entends plus rêver” (“Ssssh. I’m sleeping. I can’t hear myself dream anymore.”).

The challenge, for those committed to the vibrancy of nighttime urban scenes, is to open up the night in ways that do not simply provide the gloss for capitalist colonization of the entire 24-hour cycle.

At the heart of these battles is a conflict over the gentrification of certain Parisian arrondissements. There is significant disagreement, however, over who is responsible for this gentrification and what, exactly, gentrification means. In their petition, “Sauvons notre quartier: Timbaud/St Maur/Oberkampf”, bar owners claim that a rowdy, noisy nightlife has been one of the longstanding features of life in their neighbourhood. For them, this “tradition” of noisy

estão fortemente entrelaçados. Uma leitura instrumental deste entrelaçamento veria a vida noturna como um laboratório para a experimentação social, produzindo novas ideias que a cultura diurna pesquisar em busca de inovação. Uma leitura mais complexa exige que busquemos, dentro de cada conflito urbano ligado ao ruído, gentrificação e consumo de álcool, a luta por direitos e identidades que esses conflitos geralmente mascaram.

A BATALHA DA *BISTROFOBIA*

No momento em que escrevo este artigo, o termo *bistrofobia* emergiu na França como uma arma na luta constante pela personalidade da noite

parisiense. Para os que alegam serem vítimas, *bistrofobia* designa o ódio dirigido contra os bares. Afirmam ser esta a atitude de determinados moradores da cidade contra a proliferação de bares e bistrôs ao longo das ruas onde moram. As vitrines de bares e restaurantes na Rua Oberkamp e perto dela, por exemplo, exibem cartazes conclamando

a uma luta contra a *bistrofobia* e insistem na necessidade de defender uma “*Paris vivant*” (uma Paris viva). Em outros pontos, em placas colocadas nas calçadas, leem-se mensagens pedindo aos frequentadores dos bares para que fiquem quietos: “*Chut! Je dors. Je ne m’entends plus rêver*” (Psiu! Estou dormindo. Não consigo mais ouvir meus próprios sonhos”).

O desafio dos comprometidos com a vibração das cenas urbanas noturnas é expandir a vida noturna de modo a não simplesmente lançar as bases para a colonização capitalista do ciclo inteiro de 24 horas.

No cerne destas batalhas há um conflito sobre a gentrificação de alguns bairros parisienses. No entanto, existe um significativo desacordo sobre quem é responsável por esta gentrificação e o que

sociability is now threatened by gentrifiers who, having purchased apartments in this fashionable district, but want to live and raise their children free from noise, crowds and the smoke generated by bar patrons gathered on sidewalks. For many of those who reside in the neighbourhood, however, the real gentrifiers are the entrepreneurs who continue to open new bars and restaurants. For these residents - the bistrophobes targeted by posters - the traditions being challenged are those of the small shops and quiet, village-like life of the day. This village character, it is argued, is disappearing as restaurants and bars displace most other forms of commerce.

We must maintain the fluidity of scenes if we wish them to remain spaces of transformation and reinvention.

The challenge, for those committed to the vibrancy of night-time urban scenes, is to open up the night in ways that do not simply provide the gloss for capitalist colonization of the entire 24-hour cycle. As noted, scenes are part of the fluid flux of the urban night, but they are also the spaces (virtual or physical) in which communities gather and find collective purpose. We must maintain the fluidity of scenes if we wish them to remain spaces of transformation and reinvention. At the same time, we must acknowledge and defend the multiple communities which claim the right to occupy territories of the urban night and have found, within the night, spaces of refuge and belonging.

gentrificação significa exatamente. Em sua petição, “*Sauvons notre quartier* [Salvemos nosso bairro]: Timbaud/St Maur/Oberkampf”, os donos de bares alegam que uma vida noturna agitada e ruidosa é uma das mais antigas características da vida em seu bairro.

Para eles, essa “tradição” de sociabilidade ruidosa está agora ameaçada pelos gentrificadores, que compraram apartamentos em um distrito que está na moda, mas que querem viver e criar seus filhos longe do barulho, das multidões e da fumaça gerada pelos frequentadores de bares concentrados nas calçadas.

Porém, para muitos dos

que residem no bairro os verdadeiros gentrificadores são os empreendedores que continuam a abrir novos bares e restaurantes. Para esses residentes – os *bistrófobos* atacados pelos cartazes –, as tradições sendo desafiadas

são das pequenas lojas e da vida tranquila e diurna similar aos vilarejos. Argumentam que essas características de vilarejo estão desaparecendo conforme os restaurantes e bares substituem a maior parte das demais formas de comércio.

Temos de preservar a fluidez das cenas caso desejemos que permaneçam como espaços de transformação e reinvenção.

O desafio dos comprometidos com a vibração das cenas urbanas noturnas é expandir a vida noturna de modo a não simplesmente lançar as bases para a colonização capitalista do ciclo inteiro de 24 horas. Como se observou, as cenas fazem parte do fluxo fluido da noite urbana, mas também são os espaços (virtuais ou físicos) nos quais as comunidades se reúnem para encontrar seus propósitos coletivos. Temos de preservar a fluidez das cenas caso desejemos que permaneçam como espaços de transformação e reinvenção. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer e defender as diversas comunidades que alegam o direito de ocupar territórios da noite urbana, e que encontraram espaços de refúgio e afinidade na noite.

INTERVIEW WITH WILL STRAW

COLABORATÓRIO: *So, Will, we'll talk about some spatial aspects of the configuration of nightlife. Montreal has the Quartier des Spectacles: what's the zone configuration and what are its main aspects?*

WILL STRAW: *The Quartier des Spectacles arises from the fact that Montreal has many, many, many festivals, like no other city. From May to October there are festivals all throughout. The festivals almost always happen east of the city-center, and even though it's not a zone dedicated to festivals, people begin to realize: "Well, we might make this a kind of permanently festive area". The idea of a zone therefore was therefore established. This was a very ugly part of town; going back to the 1920's this was the city's Red Light District, one of the poorest areas in North America. Making it into a permanently festive area, that changed. Quebec, specifically, has invested into the idea of research around creation. You have people in Universities and laboratories doing things with lighting, with sound, with installation and this is one of the main industries now in Quebec, so the Quartier des Spectacles is seen as a way of showing this to the world. The Quartier des Spectacles was meant to attract Montrealers into the city-center, also aiming to reflect all these great accomplishments of Quebec's culture to the rest of the world. But when the Quartier des Spectacles started, there was the great concern that the city had a secret plan to move all festivals downtown, to an area where you had to buy all your beer from only one beer company, where the police was in every corner, but this preoccupation didn't amount to anything more than precisely that,*

ENTREVISTA COM WILL STRAW

COLABORATÓRIO: Vamos falar sobre alguns aspectos espaciais da configuração da vida noturna. Montreal tem o *Quartier des Spectacles*. Como é a configuração desta área e seus aspectos?

WILL STRAW: O *Quartier des Spectacles* tem suas raízes no fato de que Montreal tem muitos, muitos e muitos festivais, como em nenhuma outra cidade. A partir de Maio até Outubro há festivais o tempo inteiro. Os festivais acontecem quase sempre na área a leste do centro da cidade, mesmo esta não sendo uma área dedicada a festivais, então as pessoas começam a perceber: “Bem, por que não transformá-la em uma área permanentemente festiva?” Portanto, a ideia de uma zona foi estabelecida. Esta era uma parte muito feia da cidade, na década de 1920 era o Bairro da Luz Vermelha [*Red Light District*], uma das áreas mais pobres da América do Norte. Ao tornar esta área permanentemente festiva, isso mudou. Québec, especificamente, investiu nesta ideia de pesquisa de criação. Há pessoas em universidades e laboratórios fazendo coisas com iluminação, com som, com a instalação, e esta é uma das principais indústrias atualmente em Québec, então o *Quartier des Spectacles* é visto como uma forma de mostrar isto para o mundo. O *Quartier des Spectacles* pretendia atrair os moradores para o centro da cidade e também pretendia mostrar para o resto do mundo todas estas grandes realizações da cultura de Québec. Mas quando o *Quartier des Spectacles* começou havia uma grande preocupação de que a cidade tivesse um plano para levar todos os festivais para o centro da cidade, em uma área onde você tivesse que comprar sua cerveja de uma só marca e

a preoccupation, never materializing itself. In any case, there is a concern that the city would like all culture to be concentrated in one place only, in what would leave tourists with no other place to go.

C: *Clubs, artists and cultural producers look for places that are cheap and when they start getting good, real estate prices go up.*

WS: *That's an interesting question because you could then say artists are 'guilty' for making these places interesting, for basically doing the unpaid job of making them interesting for corporations. But where do you interrupt the process in a way that isn't simply artificial? In the Quartier des Spectacles there was this old burlesque house called Café Cleopatra, a strip club. The big discussion was around saving the place, and, so far, they seem to have survived. So, in the middle of all of these new hi-tech places you have this very old-fashioned strip club that's kind of a museum, in a way. The preservation of these places by the Quartier des Spectacles gives people the opportunity to say: "Look, we respect heritage a little bit; this is a little piece of the old Montreal."*

C: *Is this the kind of stuff that is popping up, with laws and regulations the municipalities use to develop or to preserve an area?*

WS: *Because a bunch of us told him to think about nightlife, our Mayor is the first mayor, maybe as in São Paulo, to think about the night, taking on the experiment. In certain streets, bars open until 6:30 in the morning. We'll see how that works out, but it's going to be an interesting experiment in the city's nightlife.*

com a polícia em todos os cantos, mas isto não passou de uma preocupação e isso não aconteceu, mas há uma preocupação de que a cidade gostaria que toda a cultura se concentrasse em um só lugar porque o turista não teria para onde ir.

C: Clubes, artistas e produtores culturais procuram áreas mais baratas e então, quando elas começam a ficar boas, o preço dos imóveis sobe.

WS: Esta é uma pergunta muito interessante pois se poderia dizer que os artistas são os “culpados” porque eles tornam essas áreas interessantes, eles estão basicamente fazendo o trabalho não remunerado de torná-las mais interessantes para as incorporadoras. Mas onde você interrompe este processo de uma maneira que não seja simplesmente artificial? No *Quartier des Spectacles* havia esta antiga casa burlesca chamada Café Cleopatra, que era um clube de striptease. A grande briga era salvar aquilo e até agora parece que eles têm sobrevivido. Então no meio disso tudo, desta nova *hi-tech*, você também tem esta antiquíssima casa de striptease, agora é tipo um museu de certa forma. A preservação dessas áreas pelo *Quartier des Spectacles* dá às pessoas a oportunidade de dizer “Olha, nós respeitamos um pouquinho dessa herança e ela é um pedacinho da antiga Montreal”.

C: É o tipo de coisa que está surgindo, projetos de lei e regulamentações para desenvolver ou para preservar uma área?

WS: Nosso prefeito é o primeiro prefeito, talvez assim como em São Paulo, a pensar na noite, porque muitos de nós dissemos a ele para pensar na noite, então ele está fazendo esta experiência. Em determinadas ruas, os bares estão abertos até as 6h30 da manhã. Vamos ver como isso funciona, mas essa vai ser uma experiência interessante para a vida noturna.